

EDITORIAL

Teoria e Prática: Um ensino desequilibrado

Paralelamente ao advento das reformas universitárias das décadas de 60 e 70, ocorria um curioso fenômeno no ensino universitário de Química, relativo a filosofia do ensino. Até então este ensino pautava-se, em muitos casos, pela quase ausência de justificativas teóricas de uma área do saber que progredia, e ainda progride, a passos largos. Notava-se uma insatisfação geral quanto a insuficiência de justificativas teóricas para aquilo que se observava nos laboratórios. Foi assim que, muito oportunamente, tentou-se eliminar este vazio que erroneamente culminou com um excesso de aulas teóricas, invertendo-se inapropriadamente a situação anterior; observa-se hoje não só um excesso de aulas teóricas como também um consequente abandono dos laboratórios. Curiosamente constata-se o mesmo fenômeno no ensino médio, porém mais acentuadamente, pois raras são as escolas que hoje em dia possuem alguma demonstração experimental.

A Química, como qualquer outro ramo do conhecimento, não pode ater-se a um estudo dos fenômenos naturais dissociando a teoria da prática. Esta divisão é pelo menos não-natural. É natural questionarmos o porque do fato experimental, assim como é natural procurarmos saber para que ou a qual fenômeno aplica-se uma dada teoria. É importante reconhecermos que existe um mínimo necessário de teoria e de fenômenos que devem ser ensinados e demonstrados, mas é fundamental transmitir aos alunos que a teoria é temporal e que a experiência é uma observável, e que portanto, é ela que orienta a evolução ou a criação de uma teoria vigente. O perfeito equilíbrio entre a teoria e a prática caracteriza a boa educação mental.

Os laboratórios de ensino nas universidades devem ser modernizados. As práticas devem ser reformuladas. Objeto e instrumentos raros e ainda em uso devem constituir um museu de interesse público, para um outro nível de ensino. Os diretores e chefes de Departamentos não devem poupar esforços para canalizar recursos para estes objetivos que são parcelas das suas responsabilidades. A inovação deve eliminar e substituir a rotina e os mestres devem orgulhar-se de terem no laboratório um ambiente agradável e sem fumaças, moderno e suficientemente cativante para que aqueles que hoje só vêem a sua pesquisa, sintam-se atraídos e passem a ver também no próprio laboratório de ensino, uma variação do mesmo tema.

Moldar a massa cinzenta de um jovem é talvez ainda a mais importante das nossas experiências.

O Editor